

## ■ INFRAESTRUTURA

Falha em linha de transmissão que liga Norte ao Sudeste deixa 6 milhões de pessoas sem energia em 11 estados de quatro regiões. Em Minas, blecaute afetou 62 cidades

# Apagão acorda o fantasma do racionamento

SÍLVIO RIBAS E ZULMIRA FURBINO

Brasília – As elevadas temperaturas registradas em janeiro combinadas com a maior estiagem para este mês em 60 anos, expuseram ontem graves deficiências do sistema elétrico nacional e ainda deram novo impulso ao pior pesadelo para a presidente Dilma Rousseff — o racionamento de energia. Apenas um dia após o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirmar que o risco de um desabastecimento de eletricidade no país era “zero”, uma simples falha numa linha de transmissão que liga o Norte ao Sudeste provocou no início da tarde um apagão, o décimo do atual governo, que deixou cerca de 6 milhões de pessoas sem luz em 11 estados das regiões Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Em Minas, o desabastecimento afetou a região de Venda Nova, na capital, e 62 cidades na Grande BH, no Triângulo, no Leste, no Sul e no Oeste do estado. Segundo a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) a interrupção no fornecimento de energia afetou 230 mil pessoas na sua área de concessão. Segundo a empresa, o apagão durou no máximo de 56 minutos. O desligamento ocorreu às 14h02 e o restabelecimento se iniciou a partir da determinação do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), às 14h48. “As 14h58, todos os clientes afetados já tinham sido restabelecidos”, disse a empresa em nota. Além de Minas, faltou energia em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Analistas acreditam que um descompasso na distribuição das cargas entre o Norte e o Sul do país provocado pela elevada demanda de energia nas horas mais quentes do dia levou a um colapso de uma das principais conexões do Sistema Interligado Nacional (SIN). A exemplo da série de apagões de grandes proporções que vêm atingindo o país desde 2008, eles enxergam crescente fragilidade do setor em decorrência da falta de planejamento e de investimentos em manutenção de redes, além de atrasos na entrega de equipamentos de proteção e de novas usinas geradoras.



USÉIO MARCELINO/REUTERS

O governo tentou minimizar a extensão do primeiro grande blecaute de 2014 e procurou desvincular sua ocorrência ao aumento do consumo combinado aos baixos níveis dos reservatórios. Segundo o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), órgão gestor das instalações de geração e distribuição chegaram às hidrelétricas do país, só 55% da água das chuvas esperada para janeiro.

O acúmulo de problemas coloca em xeque o modelo criado pela então ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, em vigor desde 2003. “O evento ocorrido hoje (ontem) pode ser considerado de médio porte, pois comprometeu só 8% da carga envolvida. De toda forma é cedo para avaliar o fato que ainda será detalhado pelo ONS nos próximos dias e investigado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel)”, contemporizou o secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, em entrevista coletiva.

Para ele, a falha que tomou boa parte do país ontem nada tem a ver com a sobrecarga ao sistema, acrescentando que o sis-

tema está “equilibrado”. O secretário também rebateu a aposta de analistas de elevação do risco de racionamento de 5% (média padrão adotada pelo governo) para 20%. “Disseram isso em 2008 e 2012, mas nada ocorreu. Os problemas são conjunturais e não estruturais”, discursou.

Conforme o ONS, o acidente — ainda sem causas conhecidas — ocorreu às 14h03 e a chamada “perturbação” no SIN foi detectada entre as cidades de Colinas (TO) e Minaçu (GO), onde está localizada a hidrelétrica de Serra da

Mesa. O transtorno interrompeu o fornecimento de aproximadamente 5 mil MW (megawatts) por, pelo menos, 35 minutos, quando iniciou o restabelecimento. “Para evitar a propagação do evento, houve desligamento automático de cargas selecionadas pelos distribuidores locais, visando restabelecer o sistema”, divulgou o órgão em comunicado.

**CRÍTICAS** Em nota, o presidente nacional do PSDB, senador Aécio Neves (MG), apontou a má gestão e o intervencionismo estatal

## ENQUANTO ISSO...

O aumento do consumo de água nas últimas semanas em Juiz de Fora, na Zona da Mata, levou a companhia local de abastecimento, a Cesama, a implantar um rodízio na cidade desde ontem. A empresa informou que a média do consumo diário na cidade é de 164 litros de água por habitante, contudo, em janeiro, o indicador

## ... JUIZ DE FORA TEM RODÍZIO DE ÁGUA

subiu para 200 litros por morador em razão do calor. A suspensão do abastecimento ocorre até a próxima sexta-feira, das 8h às 16h. O dia em que cada região terá a água racionada pode ser consultado no site do município. Em Varginha, no Sul de Minas, moradores de alguns bairros lamentaram a falta de água em parte do fim de semana passado.

“

O evento ocorrido hoje (ontem) pode ser considerado de médio porte, pois comprometeu só 8% da carga envolvida. De toda forma é cedo para avaliar o fato que ainda será detalhado

”

■ Márcio Zimmermann, secretário-executivo do Ministério das Minas e Energia

## Falta de coordenação preocupa

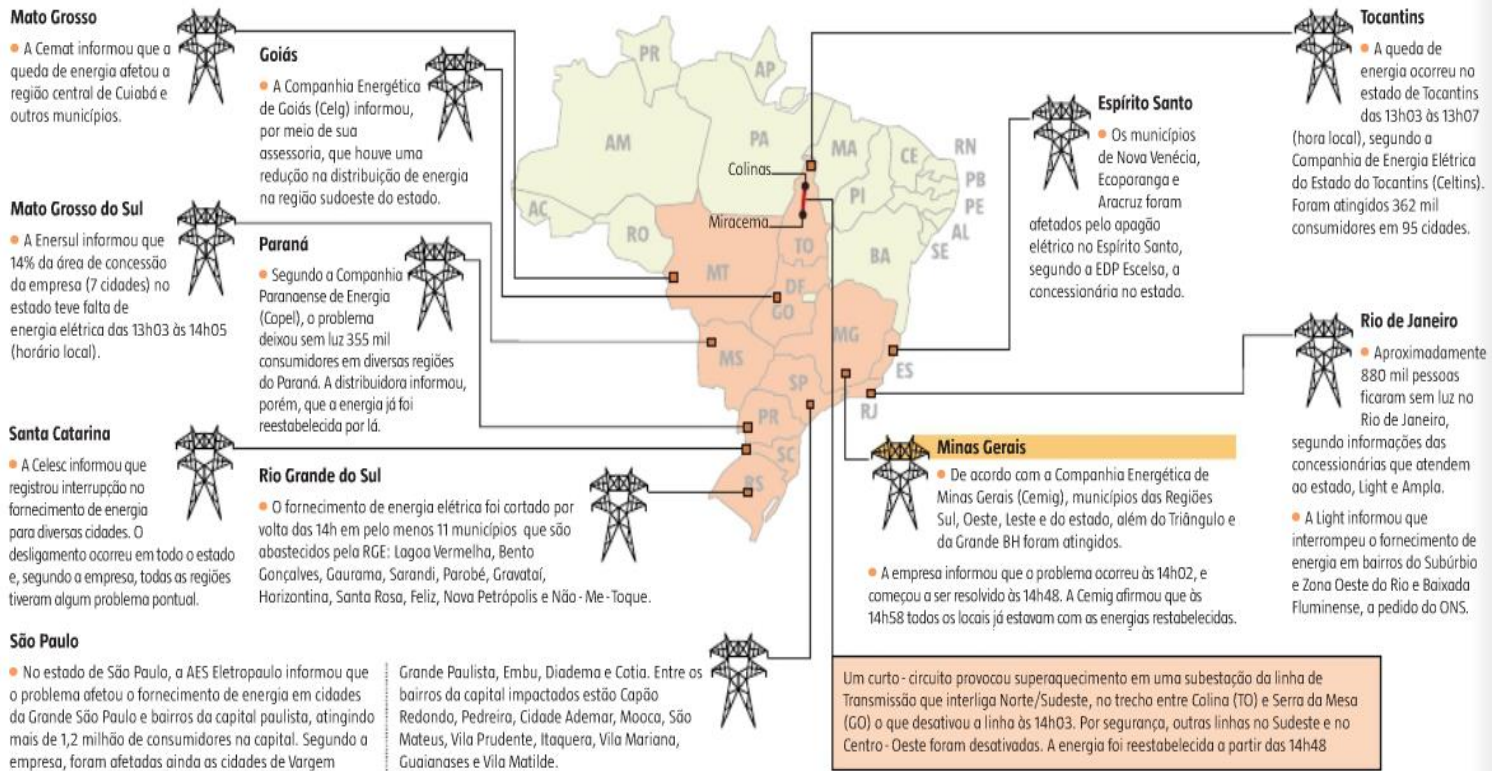
Os desafios a serem enfrentados pelo próximo presidente da República no setor de energia e as possíveis soluções para reconduzir o setor elétrico brasileiro aos trilhos foram listados num estudo de 60 páginas elaborado pelo Instituto Acende Brasil. O material será encaminhado a todos os candidatos à chefia do Executivo no país nas eleições de outubro. A ideia é estimular o próximo governante a implementar ações e políticas direcionadas ao melhoramento do setor e à economia, que depende dele para crescer.

O trabalho tem como eixos questões como a necessidade de adequação da oferta de energia, a modicidade tarifária e a credibilidade do sistema elétrico no país. “Há uma perturbadora falta de coordenação na implantação de novos empreendimentos de energia no país”, observa Cláudio Sales, presidente do Acende Brasil. Exemplo marcante, segundo ele, é a construção de parques eólicos que não contavam com linha de transmissão para levar a energia até o mercado consumidor. “Atrasos como esse também afetaram as usinas do Rio Madeira, no Norte do país, onde parte da capacidade de geração foi instalada sem contar com linhas de transmissão disponíveis”, lembra.

De acordo com o executivo, a solução para problemas como esse tem a ver com a forma como se faz os leilões de energia no Brasil. “O leilão A-5 (que contratará a energia a ser ofertada no mercado em cinco anos) é feito em dezembro. Então, na verdade, o prazo para a entrega é de quatro anos, porque o contrato é fechado em dezembro do primeiro ano, mas a entrega está prevista para janeiro do quinto ano”, lembra. Além disso, Sales afirma que o planejamento não considera o momento correto de fazer acesso aos rios. “Ninguém começa uma barragem no período da cheia, é preciso fazer isso durante a seca. Os cronogramas precisam estar conectados à realidade”, diz. (ZF)

como causas do apagão de ontem. “O governo afugentou investimentos e, se não chover rapidamente, os apagões poderão ser maiores ainda no futuro”, afirmou. O líder do DEM na Câmara, deputado Mendonça Filho (PE), apresentou requerimento pedindo a convocação de Edison Lobão para falar sobre a política energética e os apagões mais recentes. O presidente da Casa, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), vai analisar o pedido. “A política energética do governo está fracassando, mesmo com a concessão de subsídio na veia por parte do Tesouro”, argumentou Mendonça Filho.

O deputado Arnaldo Jardim (PPS-SP), como presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Infraestrutura, disse que o setor elétrico atravessa “momento de estresse” e o apagão de ontem é fruto de lacunas do planejamento. Ele ressaltou que o Tribunal de Contas da União (TCU) realizou levantamento sobre a situação do setor elétrico e identificou falhas que se repetem. “Lobão sempre diz que o sistema elétrico é robusto para ocultar fatos negativos ao governo”, finalizou Jardim.



**Falha em linha de transmissão que liga Norte ao Sudeste deixa 6 milhões de pessoas sem energia em 11 estados de quatro regiões. Em Minas, blecaute afetou 62 cidades**

Brasília – As elevadas temperaturas registradas em janeiro combinadas com a maior estiagem para este mês em 60 anos, expuseram ontem graves deficiências do sistema elétrico nacional e ainda deram novo impulso ao pior pesadelo para a presidente Dilma Rousseff — o racionamento de energia. Apenas um dia após o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirmar que o risco de um desabastecimento de eletricidade no país era “zero”, uma simples falha numa linha de transmissão que liga o Norte ao Sudeste provocou no início da tarde um apagão, o décimo do atual governo, que deixou cerca de 6 milhões de pessoas sem luz em 11 estados das regiões Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Em Minas, o desabastecimento afetou a região de Venda Nova, na capital, e 62 cidades na Grande BH, no Triângulo, no Leste, no Sul e no Oeste do estado. Segundo a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) a interrupção no fornecimento de energia afetou 230 mil pessoas na sua área de concessão. Segundo a empresa, o apagão durou no máximo de 56 minutos. O desligamento ocorreu às 14h02 e o restabelecimento se iniciou a partir da determinação do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), às 14h48. “Às 14h58, todos os clientes afetados já tinham sido restabelecidos”, disse a empresa em nota. Além de Minas, faltou energia em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Analistas acreditam que um descompasso na distribuição das cargas entre o Norte e o Sul do país provocado pela elevada demanda de energia nas horas mais quentes do dia levou a um colapso de uma das principais conexões do Sistema Interligado Nacional (SIN). A exemplo da série de apagões de grandes proporções que vêm atingindo o país desde 2008, eles enxergam crescente fragilidade do setor em decorrência da falta de planejamento e de investimentos em manutenção de

redes, além de atrasos na entrega de equipamentos de proteção e de novas usinas geradoras.

O governo tentou minimizar a extensão do primeiro grande blecaute de 2014 e procurou desvincular sua ocorrência ao aumento do consumo combinado aos baixos níveis dos reservatórios. Segundo o Operador Nacional do Sistema elétrico (ONS), órgão gestor das instalações de geração e distribuição chegaram às hidrelétricas do país, só 55% da água das chuvas esperada para janeiro.

O acúmulo de problemas coloca em xeque o modelo criado pela então ministra de Minas e

Energia. Dilma Rousseff, em vigor desde 2003. "O evento ocorrido hoje (ontem) pode ser considerado de médio porte, pois comprometeu só 8% da carga envolvida. De toda forma é cedo para avaliar o fato que ainda será detalhado pelo ONS nos próximos dias e investigado pela Agência Nacional de Energia

Elétrica (Aneel)", contemporizou o secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, em entrevista coletiva.

Para ele, a falha que tomou boa parte do país ontem nada tem a ver com a sobrecarga ao sistema, acrescentando que o sistema está "equilibrado". O secretário também rebateu a aposta de analistas de elevação do risco de racionamento de 5% (média padrão adotada pelo governo) para 20%. "Disseram isso em 2008 e 2012, mas nada ocorreu. Os problemas são conjunturais e não estruturais", discursou.

Conforme o ONS, o acidente — ainda sem causas conhecidas — ocorreu às 14h03 e a chamada "perturbação" no SIN foi detectada entre as cidades de Colinas (TO) e Minaçu (GO), onde está localizada a hidrelétrica de Serra da Mesa. O transtorno interrompeu o fornecimento de aproximadamente 5 mil MW (megawatts) por, pelo menos, 35 minutos, quando iniciou o restabelecimento. "Para evitar a propagação do evento, houve desligamento automático de cargas selecionadas pelos distribuidores locais, visando restabelecer o sistema", divulgou o órgão em comunicado.

## **CRÍTICAS**

Em nota, o presidente nacional do PSDB, senador Aécio Neves (MG), apontou a má gestão e o intervencionismo estatal como causas do apagão de ontem. "O governo afugentou investimentos e, se não chover rapidamente, os apagões poderão ser maiores ainda no futuro", afirmou. O líder do DEM na Câmara, deputado Mendonça Filho (PE), apresentou requerimento pedindo a convocação de Edison Lobão para falar sobre a política energética e os apagões mais recentes. O presidente da Casa, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), vai analisar o pedido. "A política energética do governo está fracassando, mesmo com a concessão de subsídio na veia por parte do Tesouro", argumentou Mendonça Filho.

O deputado Arnaldo Jardim (PPS-SP), como presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Infraestrutura, disse que o setor elétrico atravessa "momento de estresse" e o apagão de ontem é fruto de lacunas do planejamento. Ele ressaltou que o Tribunal de Contas da União (TCU) realizou levantamento sobre a situação do setor elétrico e identificou falhas que se repetem. "Lobão sempre diz que o sistema elétrico é robusto para ocultar fatos negativos ao governo", finalizou Jardim.

## **Falta de coordenação preocupa**

Os desafios a serem enfrentados pelo próximo presidente da República no setor de energia e as possíveis soluções para reconduzir o setor elétrico brasileiro aos trilhos foram listados num estudo de 60 páginas elaborado pelo **Instituto Acende Brasil**. O

material será encaminhado a todos os candidatos à chefia do Executivo no país nas eleições de outubro.

A ideia é estimular o próximo governante a implementar ações e políticas direcionadas ao melhoramento do setor e à economia, que depende dele para crescer.

O trabalho tem como eixos questões como a necessidade de adequação da oferta de energia, a modicidade tarifária e a credibilidade do sistema elétrico no país. "I lá uma perturbadora falta de coordenação na implantação de novos empreendimentos de energia no país", observa **Cláudio Sales**, presidente do **Acende Brasil**. Exemplo marcante, segundo ele, é a construção de parques eólicos que não contavam com linha de transmissão para levar a energia até o mercado consumidor. "Atrasos como esse também afetaram as usinas do Rio Madeira, no Norte do país, onde parte da capacidade de geração foi instalada sem contar com linhas de transmissão disponíveis", lembra.

De acordo com o executivo, a solução para problemas como esse tem a ver com a forma como se faz os leilões de energia no Brasil. "O leilão A-5 (que contratará a energia a ser ofertada no mercado em cinco anos) é feito em dezembro. Então, na verdade, o prazo para a entrega é de quatro anos, porque o contrato é fechado em dezembro do primeiro ano. mas a entrega está prevista para janeiro do quinto ano", lembra. Além disso, **Sales** afirma que o planejamento não considera o momento correto de fazer acesso aos rios. "Ninguém começa uma barragem no período da cheia, é preciso fazer isso durante a seca. Os cronogramas precisam estar conectados à realidade", diz. (ZF)